

Visão humano-existencial do conceito de pessoa

Jorge Ponciano Ribeiro*

Resumo

O presente ensaio teórico visa discutir a noção de pessoa à luz da teoria humanista. O autor, sem particularizar nenhum tipo de corrente humanista-existencial, percorre os principais temas que constituem as bases teóricas do humanismo. Trata a questão da essência e da existência no que concerne à definição de ser humano e as conseqüências naturais desta definição, com os temas da consciência, responsabilidade, liberdade, poder, direito, subjetividade e intencionalidade. O tema é estudado dentro de uma perspectiva fenomenológico-existencial, realçando a questão psicológica em que o conceito de relação, contato e limite fazem o campo teórico no qual o outro se move. A idéia de que o homem é a medida de todas as coisas permeia todo o trabalho, deixando claro que é ele que dá sentido às coisas e não o contrário. Esta perspectiva é discutida em toda a sua radicalidade, pois o autor entende que todo o comportamento para ser ético tem que estar baseado nas dimensões essenciais do homem, como animal-racional-ambiental, ou como um ser bio-psico-sócio-espiritual. O autor entende que não se pode conceber a noção de pessoa fora destas dimensões.

“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo cap. 1, v. 14).

Buber, na sua capacidade de transportar o sentido e ou significado das coisas para uma dimensão têmporo-espacial, re-diz S. João: “E o Verbo se fez carne” para “A palavra transportadora do ser” (Buber, M. 2001, pg. XLII). A palavra transporta o ser total de quem fala para ser total de quem ouve. O outro, ao receber minha palavra, a faz sua através de um complexo processo de subjetividade, reencarnando, ao seu modo, a palavra ouvida: a minha palavra vira o Outro, dimensão psicológica de mim mesmo.

O outro, deixado a ele mesmo, na verdade, não existe ou existe como uma coisa-em-si, sem um significado relacional, mas o outro, que chega a mim, é fruto de minha subjetividade, a qual cria o outro para mim a partir dos meus pré-juízos existenciais.

Aqui nasce uma ontológica questão: Quem sou eu e quem é o outro. De um lado, o outro me faz face. Não fora o outro, não saberia de minha própria exis-

tência. De outro lado, o outro não chega a mim como uma coisa-em-si, mas como um em-si-da-coisa, fruto de minha subjetividade, que me permite ver no outro o que o meu sentido interno me dita.

A conseqüência deste suposto é imediata: Somos seres de e em relação. Somos do mundo. Estamos, sempre e necessariamente, em relação com o outro, seja o outro uma pessoa ou as estrelas ou os mares ou uma formiguinha. Não somos ilha, somos península, cercada por todos os lados do outro total que não somos nós.

Vã ilusão, ou quase uma esquizofrenia se imaginar único no universo, senhor de si mesmo, autor de um monólogo que será sempre para o outro, querendo ou não, um diálogo relacional silencioso, mas nem por isso, menos falante e cheio de sentido. Para que eu exista é necessário que o outro exista, porque nenhum existente tem em si uma totalidade metafísica.

Quando entramos em contato conosco, temos que concluir que somos um quase nada perante a complexidade do que nos move. Cercados de todos os lados e de todos os modos, quando olhamos o universo, à nossa volta, independentemente de qual lugar estamos ou para qual lugar olhamos, salta aos nossos olhos que somos ínfimos e que nenhum poder é real diante do poder do universo e que é do universo que nasce qualquer forma de poder. Não existe poder pessoal.

Todo poder é delegado e emprestado. E quando digo universo, estou falando do universo mesmo, pois o que seria de nós sem o ar, o calor, a terra, a água, a lei da gravidade que nos mantém vivos e que até nos permitem os atos de consciência e inteligência que nos distinguem das restantes coisas do universo. Coisas... é isso que somos. Somos coisas que sentem, pensam, agem e falam.

Nossa grande questão existencial vai além do ser ou do não ser, mas se centra no estar ou não onde estamos. Estou presente onde estou ou sou um conjunto de partes que lutam pela sua autonomia e singularidade ou, ao contrário, luta pela sua integração neste todo, chamado mundo relacional, feito de gente, como a gente.

*Filósofo, teólogo, mestre e doutor em psicologia, professor titular emérito da Universidade de Brasília, formação didática em psicanálise e em gestalt-terapia, dois pós-doutorados na Inglaterra, autor de vários livros e artigos publicados no Brasil e no Exterior.

Somos, portanto, seres de relação, num duplo sentido, comigo mesmo e com os outros. Pode parecer paradoxal, mas é mais difícil estar em relação conosco mesmos do que com os outros, porque, sendo íntimos de nós mesmos, nos escapam nossas singularidades, o que equivale a dizer que é mais fácil lidar com nossas quantidades do que com nossas qualidades.

Lidar com o outro é, prioritariamente, uma questão de qualidade, regida, substancialmente, pelo nosso cognitivo, pelo nosso pensar. Lidar conosco é, prioritariamente, lidar com o emotivo, com o emocional, regido, substancialmente, pelas nossas qualidades. As quantidades saltam aos olhos, é o tamanho, a cor, o peso, o cheiro. As qualidades, ao contrário, têm que ser descobertas, por isso quanto mais alguém é regido pelas quantidades, menos percebe o outro. As qualidades são sutis, não saltam aos olhos imediatamente, têm que ser descobertas pela nossa sensibilidade, mais do que pela nossa inteligência, afeta, prioritariamente, às quantidades.

Sendo seres de relação, somos, necessariamente, seres em contato, embora seja mais fácil entrar em contato com o outro do que conosco mesmos. Quando me olho, não faço face a mim mesmo, porque, quando me olho, vejo o já visto, o antigo, o esperado. O outro, entretanto, me faz face, porque busco nele o não-eu, sendo atraído, imediatamente, pela sua quantidade, tamanho, cor, beleza. O diferente.

Na grande maioria das vezes, atraídos pelo *show* da vida, em suas mais diversas formas, não prestamos atenção a nós mesmos, somos nossos grandes desconhecidos. Não sabemos entrar em contato conosco, e, por outro lado, o mundo está, permanente e necessariamente, em contato conosco, sendo ele um fenômeno que se oferece para ser desvelado pela nossa consciência. Para muitos de nós o mundo passa despercebido, porque as coisas só passam a existir, quando nossa consciência as apreende como objeto de percepção. Alguns de nós somos apenas virtualmente seres em relação.

O contato, portanto, não é uma percepção material e objetiva do outro, mas sua percepção pela consciência. Através do contato, o fenômeno se resgata e, assim, o outro se torna prisioneiro de minha apreensão, de minha subjetividade.

Talvez aqui possamos distinguir entre experiência do outro e vivência do outro. Estamos no mundo do

contato. *Experimentar o outro*, pessoa ou coisa, é lançar sobre ele um olhar de busca de suas quantidades, que se resume num processo essencial que tenta responder *o que* é este outro. Aqui predomina o resgate de quantidades. *Vivenciar o outro*, pessoa ou coisa, é ir à busca, dentro de si mesmo, de *como* o outro me afeta, é sair da busca da essência do outro para encontrar sua existência, ou seja, que significado o outro produziu dentro de mim. Estamos constantemente entre experimentar o outro e vivenciá-lo em nós. Cabe aqui uma reflexão feita anteriormente: as pessoas muito ligadas no “que” da experiência na sua relação com o outro experimentam maior dificuldade de perceber “o como” as qualidades do outro os afeta.

Fazer contato, estar em contato, portanto, é estar entre o “que” e o “como” de uma realidade que se oferece à nossa contemplação, através da qual nós construímos e constituímos o outro dentro de nós.

Nós existimos e este fato é mais transcendental do que qualquer coisa que possamos fazer. É pelo ser que somos e não pelo fazer. Ser é um milagre, existir um milagre maior ainda. Pensa se você não é um milagre! Você consegue alcançar a complexidade do seu existir? Você consegue entender que cada um é único, singular, individual e, não obstante, somos muito mais semelhantes que diferentes. Pensar, assim, exige humildade e reverência pelo que somos, porque temos nos deixado perder e nos encantar pelo que fazemos e perdemos contato com o fato maior: *nós existimos*. A formiga e o elefante também existem. Você merece respeito, eles também, porque é no existir, comunitariamente, que reside a mais radical igualdade e cumplicidade. Somos seres de relação e estamos em contato.

Não importa ou importa pouco o que temos, o que acumulamos, o que fazemos. Importa como somos, como acumulamos, como fazemos.

Importa o que somos, porque estamos em um nível além de corpo-pessoa, estamos num nível transpessoal e não existe experiência e vivência transpessoal sem que o pessoal esteja profundamente em causa. Não podemos entender quem somos, apenas intelectualmente, pois o dentro e o fora são, apenas, aspectos de uma mesma realidade. O dentro e o fora têm que estar em inter e intra-relação, pois se predomina o inter, surge o poder e o controle, se predomina o intra, surge a reflexão não engajada. Então é preciso ser como se não fosse, existir como se não existisse, para que a

totalidade criativa e criadora que constitui nosso ser – aí surja e permita a síntese do dentro e do fora, ou do dentro – fora, ou seja, a saída de uma subjetividade doentia, dominadora e egoísta para uma intencionalidade inteligente, harmoniosa e relacional.

O contato é o instrumento que permite à pessoa humana se olhar e reconhecer no outro seu próprio existir através da *simpatia*, que, cognitivamente, procura o igual no outro, da *empatia* que procura emocionalmente sentir o sentir do outro, da *inclusão* que permite ao outro incluir-se, adentrar-se amorosamente no outro, da *confirmação* que não só respeita o ser diferente do outro, mas aceita e investe na diferença do outro. Estes quatro níveis são inerentes à pessoa humana e cada um de nós está mais ligado a um do que a outro e significam níveis de sensibilidade vividos pela pessoa. A inclusão é o momento da superação do gostar para o amar, pois só entra em contato pleno com o outro aquele que se deixa perder amorosamente no outro. Só através da aceitação da diferença do outro é que nos tornamos iguais a ele, pois só através da aceitação e investimento na diferença do outro, entramos em contato com sua totalidade, que é onde mora a essência das coisas.

O caminho da aceitação das diferenças é a estrada da interdependência que é o caminho da comunhão existencial entre todos os seres. Vivemos a diferença em muitos níveis, mas, sobretudo, em dois. No nível da aparência material. É fácil observar um homem e uma mulher ou dois homens ou duas mulheres e ver que são diferentes. Esta observação, em princípio, não nos incomoda e a aceitamos tranquilamente. Mas existe um outro tipo de diferença: aquela que não aparece aos olhos do corpo, mas aos olhos da alma, captada pela nossa inteligência, pela nossa intuição, pela nossa sensibilidade, sobretudo aquela, que, quando percebida, nos faz sentir menos que o outro ou existencialmente diferente dele, e, sobretudo ainda, quando este outro traz oculta, na simplicidade de sua aparência, a grandiosidade de suas qualidades. Nossa arrogância detecta imediatamente este tipo de pessoa e tem pavor dela.

Talvez possamos dizer que amar, de verdade, é encontrar-se com a diferença do outro e honrá-la e que este movimento é o movimento da própria transcendência, através da qual damos, a cada movimento, um passo para frente e para cima à procura de horizontes sempre novos e diferentes.

Amar é, portanto, a suprema lei e por isso seremos julgados pelo nosso modo de amar. O egoísmo, o orgulho, a violência, e talvez até poderíamos falar dos sete pecados capitais, soberba, avareza, luxúria, ira, gula, inveja, preguiça são certamente formas errôneas de amor a nós mesmos. Não precisamos de ninguém para nos julgar, pois seremos julgados pela nossa luxúria, pela nossa avareza, pela nossa impiedade. É a inflexível lei da causa e efeito, nada só vai, tudo que vai volta, tudo que sobe desce. Não sem razão, São Paulo, na carta aos Coríntios 1, cap.13, v. 4, diz “o amor é paciente, é benéfico, não é invejoso, não é temerário, não se ensoberbece, não é ambicioso, não busca seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade, tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo sofre”. E Jesus (Mt cap.7, v. 12, e Mc cap. 12, v. 28-34) diz: “Amarás ao teu próximo como amas a ti mesmo. Não faça ao outro o que não gostarias que fizessem a ti”. Esta é a suprema ética, tudo mais é conversa fiada, ou, como diz Jesus: “Esta é a lei e os profetas”.

Se queremos uma definição de humanismo, aí está. O amor é a suprema ética. A ética começa e termina em nós, pois quem não é ético consigo mesmo, jamais será ético com os outros. Ninguém dá o que não tem.

O amor é também a mágica forma de lidar com a diferença, de caminhar para um contato fecundo e criador, aonde desaparecem as partes e surge uma totalidade transcendente. O amor não é e não pode ser “uma conversa fiada”, ele é a mais radical opção que um ser humano pode fazer pelo outro e aqui estão todos aqueles que morreram por amor da justiça: Gandhi, Martin Luther King, Chico Mendes, João Paulo I, Dom Hélder Câmara, Irmã Dorothy e milhares de outros que, no anonimato, dão testemunho do seu amor pelo outro e aqui estão também milhões de pais, mães, que no silêncio de seus corações, tudo fazem e suportam pelo amor de seus filhos para que possa surgir um mundo melhor, sem violência, sem oprimidos, sem fome.

Não percamos a perspectiva de que estamos tentando responder a duas questões centrais ou a segunda decorrência natural da primeira: o que é ser pessoa e quem somos nós e a uma outra questão básica, que perpassa, todo o tempo, nosso raciocínio, de que somos, por natureza, seres de e em relação consciente com o mundo ou o meio ambiente.

Amar, em síntese, é pertencer, é encontrar-se com o outro na busca de sua eterna beleza. Amar é aprofundar-se no fascínio pelas partes que gera a magia da totalidade, que é o que aquietta o coração humano, pois somos atraídos pelo completo, pelo acabado, pelo perfeito.

Somos partes de uma infinita totalidade que é o que dá sentido às coisas. Somos como as letras de uma palavra, sozinhas não significam nada. Somos um alfabeto vivo, falante, integrado, transformador ou como as notas de uma sinfonia, sozinhas não significam nada.

Não nos damos conta de que estamos imerso no universo, somos o universo, o universo somos nós. Olhamos sempre a nossa frente, não olhamos ao redor. Vivemos uma relação causa e efeito, todo o tempo. Pensamos linearmente. Excluimos as possibilidades de nosso dicionário existencial. Trabalhamos, dizemos, fatos.

Independentemente do que os gregos quiseram dizer ao definir o homem como animal racional, hoje e na prática, esta definição se tornou pobre e insuficiente para definir o homem como um ser de relação, um ser de contato. Esta definição, no máximo, contempla o homem em si mesmo, como uma totalidade plena e que se basta a si mesmo. Ela o vê como indivíduo, singular e perde a dimensão de que o homem é necessariamente um ser em contato, em relação com e no universo. Ele pertence ao universo, ele é do universo. O ser humano vem sendo definido como animal racional. Definir o homem como animal racional criou uma dicotomia que terminou por privilegiar no homem, ora o animal, ora o racional, conduzindo-o por caminhos inimagináveis do ponto de vista social, político, econômico. Basta citar a escravidão, em que o negro não era considerado como tendo direitos, era como um animal, “res domini”, sobre o qual o senhor (o racional) tinha direito de vida e de morte. Aliás, ninguém tem direito sobre ninguém, no máximo temos direitos sobre nós mesmos, aqueles concedidos pela própria natureza.

Todo direito sobre alguém emana deste alguém e tem que ser exercido em estreita relação com ele e em favor dele. Ninguém tem direito sobre o outro, se o outro não lhe outorga este direito. O poder-direito-constituído não nasce de uma lei, de um diploma, de uma nomeação ou do estado. O poder nasce do direito. O direito não nasce do poder. O direito é inalienável, o poder não. O poder é uma concessão que alguém con-

cede ao outro para ter o direito de funcionar em seu nome. O direito é um privilégio concedido a alguém, não uma prerrogativa. A lei legitima esta escolha do indivíduo.

Existe, no ser humano, um princípio fundamental: o instinto de autopreservação, isto é, tudo que nasceu, nasceu para viver de acordo com sua própria natureza. Exercer um direito, por suposto direito e por suposto que seja, sobre o outro é tirar dele o que a natureza lhe concedeu, que é viver de acordo com o que ele entende que são suas potências ou potencialidades prontas para se transformarem em ato, quando ele, livremente, assim o desejar. O outro, entretanto, ao seu lado, tem também os mesmos direitos, o que implica que viver em sociedade significa experimentar, a todo instante, as fronteiras e os limites do próprio poder pessoal. Esta é uma ética natural. A ética nasce da relação respeitosa entre as pessoas e não de uma lei, supostamente, representante da universalidade das pessoas e que alguém diz ser seu legítimo interprete.

Muitos acreditam que têm poder pessoal para julgar ou acreditam que seu poder de julgar é pessoal e que podem julgar como lhes parece e, às vezes, à revelia do direito do autor e do réu, em questão. Ninguém tem poder pessoal sobre o outro. O que é nosso é apenas aquilo com que nascemos. Todo o resto nos é concedido para que o administremos em nome do outro.

“Então disse Pilatos a Jesus: não me falas? Não sabes que tenho o poder para te soltar e também para te crucificar? Respondeu Jesus: Tu não terias poder algum sobre mim, se não te fosse dado do alto. Por isso, o que me entregou a ti, tem maior pecado”. (Jo cap. 19, v. 10-12.)

“Não julgueis, para que não sejais julgados, pois, segundo o juízo com que julgardes, sereis julgados e, com a medida com que tiverdes julgado, vos medirão também a vós”. “Como ousas dizer ao teu irmão: deixame tirar o cisco do teu olho, tendo tu no teu olho uma trave?” (Mt cap.7, v. 1-4).

Jesus expõe, através destas afirmações, um claro conceito de pessoa, baseado no conceito de direito, que é o lugar onde todos nós nos refugiamos para estabelecer entre o outro e mim a noção de limite, de presença, de singularidade, de individualidade, em todo o sentido. Se pensarmos bem, a noção do que penso que me é devido permeia, de lado a lado, nossas relações pessoais. O outro é o meu limite, mas eu sou a balança

que tem a presunção de decidir tudo. O outro é o meu limite, o outro me faz face, não somos senhores uns dos outros. Na verdade, não somos nem de nós mesmos. Somos seres em relação e o outro é o lugar onde minha liberdade e poder acabam, a não ser que ele, em caráter especial, me conceda a faculdade de falar e agir em seu nome. O outro é o lugar no qual a ética indica que ultrapassar, desrespeitando os sinais, é violência e desrespeito.

Por essas razões, a definição de pessoa, como animal racional, torna-se incompleta, porque ela abre espaço para toda sorte de subjetivismos e relativismo tanto a nível pessoal quanto social. A usurpação do poder do outro, roubando-lhe o direito de ter direitos, nasce de uma falsa concepção da animalidade e racionalidade que tira de uns o poder, igualando-os a um animal, e concede a outros o direito sobre os primeiros, privilegiando a racionalidade ou fato de ser homem, e não pessoa.

Na verdade, de fato, e por natureza, o ser humano é animal-racional-ambiental.

A essência humana é, portanto, animalidade, racionalidade, ambientalidade. Vamos, porém, colocar um hífen para fugirmos da tricotomia que estes três construtos isolados causariam à essência humana: o ser humano é animalidade-racionalidade-ambientalidade.

A nossa reflexão sobre a questão do poder e do direito, enquanto propriedades humanas inalienáveis, nasce do fato de que a relação humana transcende a animalidade-racionalidade tão decantada para se espelhar na ambientalidade, tão parcamente falada e defendida. Quando afirmamos que ser de relação é uma propriedade essencial e existencial do ser humano, estamos afirmando que todo o poder e direito são relacionais e nascem da essencial ambientalidade que define o ser humano como um ser do mundo e, permanentemente, em contato relacional. Todo o direito se funda na ambientalidade humana. O direito emana de uma delegação, de uma procuração que alguém confere a outrem para falar e agir em seu nome. Sem esta perspectiva, o direito não tem nenhum direito de se dizer humano.

Isto, assim posto, nos coloca diante de uma totalidade, cujas partes se inter e intra-relacionam, de tal modo que não se sabe onde começa uma e termina outra. Somos uma totalidade em ação, de tal modo que ora uma ora outra dimensão assume a característica de

figura, a partir da necessidade da pessoa em um dado momento e em um dado campo. Somos metafisicamente em relação, somos constituídos de uma relação psicodinâmica de partes, em ação, em ato.

Olhando a pessoa humana, de um ângulo mais operativo, e ampliando nossa perspectiva de horizontes, à procura de ver melhor a dimensão humana, poderíamos, com absoluta especificidade, defini-la como um ser bio-psico-sócio-espiritual.

Ao introduzir uma quarta dimensão à definição que, comumente, se faz da pessoa humana, a espiritualidade, damos mais um passo em direção a uma totalidade que, em função de sua própria teleologia, leva o ser humano a transcender, explicitando toda sua potencialidade de ir além da materialidade das coisas para a imaterialidade que é própria da qualidade presente em todo ser humano.

A dimensão “*bio*” tem a ver com nossa animalidade, que prioriza a questão do primitivo, do corpo, suas emoções, sentimentos, afetos. Nosso corpo é nosso instrumento visível de contato e de trabalho. É nosso inconsciente visível através do qual expressamos nossa ou nossas histórias escritas, ao longo dos anos. O corpo, apesar de todas as suas predisposições genéticas, termina sendo uma construção nossa. Ele é o que fazemos ou fizemos dele, ao longo da vida. Ele fala o tempo todo, e como fala, mas nós somos os que menos o ouvimos. Muitas vezes, só quando se quebra sua capacidade de auto-regulação, é que nos apercebemos de que nossa cabeça se esqueceu totalmente de seu corpo e aí aparecem toda sorte de sintomas, que, em última análise, são sempre propostas de equilíbrio orgânico de última hora, tentado produzir uma auto-regulação provisória no organismo. Mas aí, para usar um jargão popular, já não temos mais peças originais para ele, mas apenas reparos e peças de segunda linha. Na verdade, nada mais somos que os contatos que fazemos. A escolha é nossa.

A dimensão “*psico*” como expressão da racionalidade, nos coloca diante de uma consciência reflexa, através da qual intuimos a realidade, experienciando-a nos seus mais sutis modos de operar. Estamos no reino da imaterialidade, do qual o pensamento é a expressão mais clara dessa nossa dimensão espiritual. Quando dizemos que o homem é um animal racional, estamos dizendo que ele é um ser que usa a razão, e os processos cognitivos da razão envolvem argumentação,

inferência, indução, dedução, analogia, prova, conclusão. O homem é, portanto, não só racional, no sentido que usa da razão, mas também racionável no sentido de que pratica os processos próprios da razão. A razão é, portanto, uma propriedade humana, que especifica o ser, que o distingue dos animais pela complexidade das operações que ele pode fazer. Estas operações, entretanto, não são abstrações ou processos autocognitivos, desconectados do meio ambiente, eles nascem do meio e trabalham em função do meio ambiente, e ressentem, psicologicamente, o meio como um campo de ação e reação. Como nada vai ao intelecto, sem passar pelos sentidos, concluímos que todos estes processos têm a chancela do psicológico e, conseqüentemente, do emocional.

A dimensão “*socioambiental*” como um essencial da essência humana passa ou tem passado quase despercebido. Tudo o que é necessário à sobrevivência humana entra, necessariamente, na definição do ser humano. Se precisamos de ar, de água, de calor, de umidade, da lei da gravidade e tudo isto constitui o meio ambiente, somos, por definição, ambientais. O mundo, o meio ambiente não são um intruso na definição da pessoa humana, são um terceiro metafísico elemento, sem o qual o homem não poderia subsistir. Se somos mundanos, isto é, feitos da substância do mundo, somos essencialmente mundanos, feitos de e pelo mundo. Se a matéria corporal sensível constitui nossa animalidade, se a razão constitui nossa racionalidade, o meio ambiente constitui nossa socioambientalidade. A compreensão radical deste terceiro elemento da constituição de nossa essência humana leva a pessoa humana a um processo auto-educativo extremamente criador e redentor, através do qual o homem compreende que a solução sustentável do planeta é ele sentir que não existe um planeta e ele, mas planeta-e-ele, de tal modo, que não se soubesse onde começa um e termina o outro e que tivesse plena consciência de que tudo que acontecerá a um, acontecerá também, fatalmente, ao outro.

A salvação ou a destruição de um significa também a salvação ou a destruição do outro. Aqui se aplica o termo globalização no seu mais radical significado. Os dois são sujeitos e objetos do que acontecer a um dos dois. Este essencial ambientalidade é fundamental para o desenvolvimento de uma teoria e de uma prática da ecologia, sem a qual nosso planeta ficará, cada vez mais, menos viável e sustentável. Será através de uma experi-

ência vivenciada da ecologia, como mestra interior da pessoa humana, que esta dimensão será considerada como o instrumento que faz o homem transcender da animalidade para a racionalidade e desta para uma humanidade fundada, sustentada e mantida na e pela ambientalidade.

A quarta dimensão do conceito de homem, “*espiritualidade*”, passa, necessariamente, pelas anteriores, animalidade, racionalidade, ambientabilidade. Estamos falando da dimensão espiritual da essência humana, através da qual a pessoa atinge o ápice de toda a forma de fazer contato. A dimensão espiritual permite ao homem entrar no mundo dos valores, permite ao homem vivenciar a qualidade que existe em todas as coisas, transcendendo a materialidade das mesmas. Embora as operações mentais, cognitivas, de razão aconteçam também no nível da imaterialidade, elas são operações “*per se*”, e não tem, necessariamente, uma destinação para fora. Começam e podem terminar em si mesmas, sem um desdobramento para fora, ao passo que o mundo da espiritualidade é o mundo da re-significação da essência do objeto, sob observação. O espiritual recria ontologicamente o objeto observado. Não fora a dimensão espiritual da essência humana, estaríamos sempre diante da materialidade quantitativa de todas as coisas.

É a dimensão espiritual que descobre na matéria suas mil possibilidades através das qualidades possíveis inerentes a todos os seres. É através da espiritualidade que o possível se torna um acontecimento. Uma rosa, p. ex., vista cognitivamente é apenas uma rosa, uma “*quantitas*”, mas em toda “*quantitas*”, existe uma “*qualitas*” a mais a ser descoberta, além da pura observação do objeto em questão. A dimensão espiritual nos permite transcender a coisa-rosa para suas mil possibilidades de ser, isto é, de se tornar um acontecimento, podendo ser o perfume que suaviza, a beleza que encanta, um presente para a pessoa amada, a estética que move o artista. Quanto mais alguém usa sua dimensão espiritual na contemplação da coisa material, mais ele transcende ante sua experiência estética vivenciada e mais a pessoa transcende a si mesmo na busca de seu último significado.

Estas dimensões são reais, concretas, existem como essenciais dos quais emanam os existenciais que nos permitem nos localizarmos no tempo e no espaço. Grande parte da humanidade age, funciona na função

homem ou mulher, perdendo a dimensão homem-pessoa, mulher-pessoa, sendo levados por uma praticidade e por um imediatismo que nos torna profundamente egocentros. Vivemos uma realidade, onde o “salve-se quem puder” parece estar se tornando a regra básica do relacionamento humano em um completo abandono da dimensão relacional que prioriza a relação pessoa-pessoa.

Quando digo que somos ambientais, além de animais-rationais, estou afirmando que toda a nossa experiência ocorre no campo, em situação, em ação completa, mas não estamos largados de nós mesmos, impotentes e incompetentes para lidar com a situação que nos confronta. Somos naturalmente dotados de criatividade que nos permite criar e de intencionalidade que nos desperta para a realidade como intenção. A realidade é uma permanente provocação à nossa capacidade criadora e de intenção. A realidade pede para ser re-criada e re-escrita, a todo instante, e será nossa intenção o instrumento que irá manipular descobrindo-a. Des-cobrir significa tirar o pano de cima, abrir a porta e deixar entrar luz. Assim nossa experiência de campo, se transforma pela nossa subjetividade e poder criador em um campo permanente de experiência. Assim criação e intenção são funções de nossa criatividade e intencionalidade. A minha experiência habita o corpo do outro e o corpo do outro habita meu corpo e minha experiência, portanto, existe, necessariamente, em interface, um lugar no qual nos encontramos, necessariamente, com o outro. O campo é uma experiência que cada um constrói, não é uma entidade material, é também. Assim o contato ou estar em contato é a experiência dominante do campo. O contato não é a experiência ou a vivência da materialidade do outro. O contato é a busca do invisível que mora no visível do outro. Estamos, de uma maneira radical, falando de alma, a parte ou a dimensão mais profunda do ser humano.

Quando falamos a palavra contato, implicitamente, estamos falando de dois – eu e o outro, portanto é a relação organismo (eu) – ambiente (outro) que organiza o campo através do contato. Somos sujeitos e objetos do campo que organizamos. Ao criá-lo, tornamo-nos sujeitos a ele, o tempo todo. Estamos dizendo que o conceito de pessoa se concretiza no campo e que o campo é o “locus” onde nossa realidade acontece e se torna significativa.

Não estamos fazendo, construindo teoria, estamos teorizando, pois as teorias são apenas fixações de conceitos, não são, necessariamente, a verdade sobre algo, mas apenas um modo de organizar a experiência e não a realidade, enquanto tal. Tentamos nos aproximar da verdade através de teorias, mas uma teoria nunca será uma verdade. E, diga-se de passagem, uma teoria, quando vira verdade, vira religião e como é impossível re-ligar toda a verdade, as religiões passam a ser extremamente re-ativas e subjetivas, perdendo, paradoxalmente, sua suposição de expressar a verdade.

A pessoa humana não está à busca da verdade, mas sim de uma busca de um sentido, do seu sentido, que perdura pela vida afora, pois, se a verdade existisse por si só, certamente, a encontraríamos com mais facilidade nas curvas e caminhos da existência, por isso o homem sempre lidou mal com a verdade.

Quando Pilatos pergunta a Jesus, no seu julgamento: “O que é a verdade”? Jesus se cala, prefere o silêncio que o levaria a morte a definir teoricamente a verdade.

A intencionalidade é uma função da consciência. Não existe consciência em si, ela é sempre relacional, é sempre consciência de algo.

Assim, exceto as verdades matemáticas que já estão prontas ou a serem encontradas, a verdade humana é sempre uma procura, nunca está pronta. Existir, honestamente, é estar permanentemente à procura da própria verdade, do próprio sentido, da própria intencionalidade.

O ato de criar supõe fazer surgir algo do nada, por isso criar é um atributo divino. Quando dizemos que criamos, criamos apenas em sentido lato. Entre os humanos, não criamos do nada, criamos a partir do outro, que sempre faz parte de nosso ato criativo. Jamais saberemos a verdade do outro ou sobre ele, por isso a idéia de que possamos construir plenamente “uma verdade” nos coloca diante de um absurdo, que é a idéia de podermos ser absolutamente coerentes. Uma coerência, supostamente plena, seria, por sua vez, a negação de nossa própria subjetividade. Isto equivaleria à morte de nossa criatividade e a uma proibição cognitiva de não evoluir, implicando em deixarmos de ser seres de relação, de passagem, vivendo a ilusão da divindade e de uma total ausência de limites. Nossas certezas, no máximo, nos levam até nós mesmos, porque a verdade está na relação, não é uma produção isolada da mente.

Transformo minhas certezas nas minhas verdades, mas a verdade não se transforma em nossas certezas, porque a verdade não nasce de nossas operações mentais, mas da adequação do objeto ao nosso intelecto, como, p. ex., de uma maneira extremamente simplificada, duas laranjas mais duas laranjas são quatro laranjas. Isto é uma verdade que nasceu da minha relação com o mundo, em primeiro lugar. Não se fabricam verdades, verdades são encontradas.

Não conseguimos fazer esta operação matematizada, quando se trata de uma realidade que implica, emocionalmente, a existência do outro, pois a verdade não está em nossa mente, mas na situação, no campo. Intuí-la é o mais desafiador processo cognitivo humano. Não sabemos nunca o que é a verdade de um dado, de um acontecimento, porque o fenômeno só se torna fenômeno, quando apreendido pela consciência e a consciência jamais aprenderá a totalidade de um objeto dado.

Seres de relação, do mundo, será através do contato que nos abeiraremos da verdade. O contato é função de nossa capacidade criativa e criadora e proporcional à dimensão de nossa fluidez. Assim, quanto mais rígida uma pessoa tanto menos se abeirará da verdade e tanto menos se deparará com a realidade, enquanto realidade.

É por isso que “para muitas pessoas confiar em alguém é uma violação de toda a sua maneira de ser no mundo. É uma aventura totalmente nova repleta de riscos que sempre ameaça a pessoa como um não-ser” (Hycner, R. 1995, p.122).

O outro, de algum modo, é um não-ser para mim e eu sou um ser-outro para ele, e, como o outro não sou eu, torná-lo existente para mim implica num processo de inclusão de sua realidade no mundo de minha subjetividade, ou seja, no desvelamento e aceitação espontânea do ser do outro. O outro é o diferente. É o diferente no outro que me fascina e me afasta dele e, como eu sou igual (idêntico) a mim mesmo, sou uma metafísica rotina que não mais me fascina e incomoda. Ir ao encontro do diferente é abrir-se a toda sorte de risco, mas é o único caminho de me aprofundar em mim mesmo e me lançar para encontrar o diferente que mora no outro. Sem medo.

“O homem é a medida de todas as coisas”. Protágoras. Talvez esta seja uma das verdades menos escutadas, menos vividas, mais esquecidas da história da

humanidade. Ao longo dos séculos, as instituições criadas pelo homem e para o seu bem, se voltaram contra ele, com um absoluto desrespeito. A Igreja, p. ex., na inquisição, matou milhares de pessoas, talvez milhões; países, através de guerras sem fim, vilipendiaram o ser humano da maneira mais atroz que se possa imaginar; o racismo, nas suas mais diversas formas, tem sido um acinte a toda forma de liberdade humana; leis feitas pelos homens, através de gestos aparentemente legais, abandonaram o homem a sua própria sorte, num total estado de impotência.

Todo homem está a serviço de seus semelhantes e toda a humanidade está a serviço do homem por uma razão ontologicamente imbatível: tudo que nasceu, nasceu para viver e viver adequadamente, porque, do contrário, num processo autodestruidor, “ab origine”, o ser humano seria a negação de si mesmo, e, consequentemente, um ser inviável. Talvez pudéssemos mudar o pensamento de Protágoras: “O homem é a medida de todas as coisas” para “todas as coisas são a medida do homem”. Nada pode ser maior que ele. Um homem não pode ser para um outro homem como uma abstração. Estamos falando deste homem, aqui-agora, não importa quem ele é, pois, qualquer que ele seja, ele é a medida de todas as coisas. Talvez, ladrões, bandidos, assassinos tenham perdido esta dimensão, ou talvez jamais a sentiram, fazendo com que eles, através de um absurdo mecanismo de compensação, se tornassem, ao seu modo, egotisticamente, a medida de todas as coisas e deixassem de ser, em outro sentido, a medida de todas as coisas, como um mecanismo regulador de nossa ambientalidade, porque, em algum momento, nós os tiramos da balança da vida e passaram a não medir nada diante de uma comunidade, às vezes, tão perversa quanto eles mesmos.

O mundo não pode lidar com o homem, despersonalizando-o, fazendo de conta que ele não existe, pois é ele que organiza o mundo, ele é o cérebro do mundo. De outro lado, enquanto um ser vivo, ele se programa, a cada fase do processo evolutivo, para se tornar o doador supremo de todas as necessidades do homem. Os homens devem viver entre si uma integração harmoniosa, auto-reguladora, sustentável e não permitir que outros homens vivam uma alienação histórica (negros, prostitutas, índios, homossexuais), cultural, orgânica, como se uma parte da humanidade fosse menos homens, menos pessoas que outros.

A proposta humana deveria ser de que todo homem viva um processo de liberdade e de liberação, interligados e intraligados a partir de uma realidade pessoal, não delegável, e que tivesse como princípio básico um valor único e inalienável na direção de uma caminhada de valorização do transcendental, se obrigando a uma re-leitura radical da relação homem-mundo. Isto implica que todas as pessoas possam experimentar, harmoniosa e respeitosamente, sua própria subjetividade e sentido, na busca de uma identidade pessoal através de um encontro marcado por um profundo contato de busca do sentido de sua própria historicidade humana, de ser do mundo e da fuga efetiva e permanente de uma categorização de juízos morais que, na prática, as destroem e as fazem submissas a premissas perversas de predomínio de uns poucos sobre muitos.

Nós somos totalidades vivas e portadoras de significado e vida. Isto implica em que todos nós estejamos engajados na busca de uma autêntica felicidade, na re-descoberta de nosso corpo e de suas potencialidades, na aceitação tranqüila e transformadora dos mistérios que nos envolvem e, ao mesmo tempo, nos permitindo que possamos nos encontrar com nossa própria magia e beleza. Na verdade, todos nós somos uma obra de arte a ser contemplada com o mais genuíno interesse, somos uma sinfonia, cujas notas permitem que todos possamos nos deleitar com nossos acordes existenciais.

Ninguém é melhor do que o outro, somos apenas diferentes uns dos outros e é pelas nossas diferenças que temos que ser admirados. São nossas diferenças que tornam possível à humanidade caminhar e encontrar seu destino.

Só a duras penas, o mundo começa a perceber sua verdadeira dimensão espiritual, porque nossa materialidade, tão consciente e inconscientemente decantada, transformou o mundo num palco de infinitas luzes, mas não trouxe para o homem o caminho da verdadeira e autêntica felicidade. Parece que quanto mais se abrem os horizontes da tecnologia e do progresso mais perdidos parecemos estar, porque com tantas luzes não conseguimos descobrir o caminho de volta a casa, ao nosso corpo-pessoa-gente-irmãos uns dos outros.

Quero concluir, mas sem poder concluir, porque o caminho para a descoberta do outro é infundável. Concluir significa que o caminho terminou. A linha da vida não termina nem com a morte, porque a morte

não é o oposto da vida, ela é, apenas, o outro lado desconhecido da moeda, sempre girando sobre si mesmo, expondo-nos a um outro nível de funcionamento. De fato, todos os dias morrem coisas em nós, bem como nascem ou renascem. Se observarmos uma moeda, seus lados são separados por um milímetro de espessura. Assim, morte e vida têm entre eles um milímetro de espessura, o que torna a vida e a morte fascinantes, porque tão proximamente interligadas e tão distantes e negadas no imaginário de cada um de nós.

Mas retornemos, por mais um pouco, às questões da vida, na sua exuberância de possibilidades, probabilidades e acontecimentos reais.

Quero terminar com cinco mágicas palavras, que nos descortinam cinco horizontes, convocando-nos para o espetáculo da vida e do viver, permitindo-nos olhar e definir a pessoa humana a partir de alguns de seus específicos modos de ser e de estar no mundo em relação.

Imanência, do verbo latino “manere” que significa permanecer. É o atributo que me garante minha singularidade e individualidade. Aqui-agora sou e estou eu. Tudo que é meu é meu, neste preciso momento e neste preciso campo. Ser de infinitas possibilidades, permaneço eu, mudando todos os dias. Sou inconfundível, ninguém me repete. Sou substancialmente eu, sempre. Isto me faz saber onde estou, de raízes fincadas no universo, permitindo a expansão de minha copa ao infinito. Permaneço eternamente eu. Apesar de minhas mudanças, jamais serei outro que não eu. Existencialmente, este atributo me permite a esperança de poder crescer, sem medo, sem perder o meu próprio ser, por isso imanência é um tributo à presença ontológica de cada ser neste mundo de infinitas ausências existenciais.

Impermanência, um tributo à mudança. Tudo muda. Uma das poucas leis cósmicas, responsável pela evolução de todos os seres, é que tudo muda, tudo está em movimento. Mudamos o universo, o universo nos muda. Nada fica para sempre no mesmo lugar. Estamos falando de lugares (*locus*) físicos, mentais, comportamentais, espirituais. Valores, tradições, culturas, nossa saúde estão em permanente mudança, produzindo uma equalização dentro de cada ser, de tal modo que ele possa prosseguir no seu processo evolutivo à procura de novas formas e funções. Nada nos garante que estaremos vivos daqui a uma hora, que teremos tempo

de realizar nossos sonhos, que colheremos os frutos das ações plantadas. A vivência radical deste tributo desperta em nós um profundo sentido de ética, que é a essência do humanismo, desperta em nós a necessidade do cuidado e da prudência pelos nossos gestos, sobretudo aqueles mais ocultos, nos garante um sentido de eternidade, porque, num processo de eterna mudança, qualquer de nossos gestos tem garantia de uma transcendental permanência.

Interdependência um atributo de nossa mais evidente condição humana. Tudo depende de tudo, está ligado a tudo, nada é cosmologicamente isolado, não somos ilha, somos península, cercada de todos os lados de pessoas, coisas, exceto naquele ponto que faz as coisas acontecerem. Somos necessariamente seres de relação, somos sociais por natureza, e isolados, egoístas por educação, somos ontologicamente livres, porque estar vivo é estar em movimento, e porque sem liberdade estaríamos fixados no presente. Viemos, no entanto, do passado e nos programamos para o futuro, porque somos movimento, que, como uma flecha, um dardo procura sempre seu ponto de aplicação e de chegada. Porque não estamos sozinhos, somos seres de infinitas possibilidades e são o encontro de nossas infinitas possibilidades, bem como a de todos os seres do universo que o faz possível e factível de evoluir. Pensar existencialmente a interdependência desperta em todas as pessoas normais um sentimento de proteção, de que se é ajudado permanentemente pela radicalidade do processo de interdependência a que estão sujeitos todas as coisas. Dando um passo além, a interdependência cria uma cumplicidade que faz do processo necessário de sermos interdependentes a vivência respeitosa da liberdade de todos os seres para ser, de fato, eu e o outro o outro.

Transparência – Não é um atributo, é uma conquista. A água barrenta dos rios, depois da chuva, recupera sua transparência, quando decantada por seu próprio movimento de limpeza. Aí está nossa dificuldade: de nos filtrarmos existencialmente através de um profundo e honesto movimento da ética, da sinceridade, da dor, do sofrimento, do amor, dado que estamos permanentemente sujeitos, expostos às correntes negativas do mal que nos cerca. Ser transparente para si mesmo, em primeiro lugar, é lavar-se de toda sujeita, se ensaboar da espuma branca e suave do respeito pelo outro, ser alguém de bem no silêncio de sua vida, promover a justiça, a paz a partir de uma experiência de

mundo, única e pessoal, tirar a venda dos olhos para enxergar diretamente a realidade do outro, não sujar as mãos com a iniquidade acobertada pela posição social ou por qualquer outro poder, e sentir-se responsável por pertencer a este universo que nos acolhe tão maternalmente. A transparência é, portanto, um tributo à luz que, colocada em cima da mesa de nossa existência, ilumina a todos que dela se abeiram.

Transcendência – Transcender é um delicado e silencioso convite que o universo nos faz a todo instante. Sua salvação está na nossa capacidade de transcender, de ressignificar nossos gestos de tal modo que nossa prática normal seja guiada por um apelo a que deixemos nossas possibilidades de ser se transformarem em um ato contínuo de amar. A transcendência é função do grau de contato de nossa capacidade de nos relacionar com a rotina, ressignificando-a. Transcender é olhar, de maneira diferente, uma coisa que sempre vimos de um determinado modo e descobrir nela uma beleza e possibilidades diferentes do que sempre enxergamos. Transcender é descobrir e se encantar com todas as possibilidades ocultas presentes em todos os seres. É um ato de re-criar a própria essência do objeto contemplado. Transcender não é ser especial, mas descobrir o especial próprio de cada ser. Todas as coisas são especiais ou se tornam especiais, quando as olhamos ou as contemplamos de uma maneira especial. Nós transcendemos através das coisas e elas através de nós. Transcender nada mais é que descobrir as mil belezas que moram nas mais simples coisas: no nascer do sol, na beleza de uma noite estrelada, no perfume de uma flor, numa lágrima de uma mulher sofredora, no sorriso ou na lágrima de uma criança. Transcender é olhar todas as coisas com todo o respeito que elas merecem. Quem é incapaz de se encantar consigo mesmo é incapaz de transcender, porque, se não sou cúmplice de minha própria beleza, não conseguirei ver o que falta no outro. Não se transcende a partir da abundância, mas da carência, da falta que, por mais perfeito que algo seja, nunca esgota suas possibilidades de se deixar conhecer. Transcender é eminentemente um ato de contato relacional. Transcender é um tributo ao mistério escondido em todos os seres, e que só se desvela quando olhado com amor.

Refletir sobre o conceito de pessoa nos remete ao mais íntimo de nós mesmos, porque, de fato, somos um campo interminável de investigação e quanto mais me adentro nesta pesquisa mais longe pareço estar do

ponto de chegada, até porque nem sempre um ponto de partida é, de fato, o ponto de partida. Assim, se não temos certeza do ponto de partida e o ponto de chegada não nos é garantido, resta-nos peregrinar neste meio caminho e neste caminho do meio, na esperança de que, pesquisando sobre o conceito de pessoa, terminemos por encontrar um pouco mais de nós mesmos e nos fascinemos com este pouco. É fascinante refletir sobre o conceito de pessoa, mais fascinante ainda é sentir-se pessoa e muito mais fascinante ainda é olhar o outro e reconhecê-lo pessoa-como-nós.

Referências bibliográficas

BUBER, M. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro Editora, 1974/2001.

HYCNER, R. *De Pessoa para Pessoa. Psicoterapia Dialógica*. São Paulo: Summus Editorial, 1991/1995.

RIBEIRO, J. P. *Do Self e da Ipseidade*. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

RIBEIRO, J. P. *Ruídos: Contato, luz, liberdade. Um jeito gestáltico de falar do espaço e do tempo vividos*. São Paulo: Summus Editorial, 2006.